

A identidade narrativa, de Paul Ricoeur, como explicitação da noção de formação no *Bildungsroman* conforme entendida por Mikhail Bakhtin¹

Edson Ribeiro da Silva*

<https://orcid.org/0000-0003-1883-5893>

Resumo: O presente artigo parte do conhecido ensaio de Mikhail Bakhtin sobre o *Bildungsroman* para confrontar suas ideias acerca da representação, por esse gênero romanesco, da formação do homem, com o conceito de identidade narrativa, de Paul Ricoeur. O filósofo francês entende a narrativa como única possibilidade de constituição da identidade do sujeito, o que pode ser estendido ao modo como o *Bildungsroman*, o romance de formação, procura mostrar a constituição do caráter das personagens. A dialética entre mesmidade e ipseidade explicita os modos de esse gênero configurar-se como narrativa.

Palavras-chave: Formação. Identidade narrativa. Ricoeur. Bakhtin.

Narrative identity, by Paul Ricoeur, as an explanation of the notion of
formation in the *Bildungsroman* as understood by Mikhail Bakhtin

Abstract: This article starts from Mikhail Bakhtin's well-known essay on the *Bildungsroman* to confront his ideas about the representation, by this novelistic genre, of the formation of man, with Paul Ricoeur's concept of narrative identity. The French philosopher understands the narrative as the only possibility of constituting the subject's identity, which can be extended to the way in which the *Bildungsroman*, the novel of formation, seeks to show the constitution of the characters' character. The dialectic between sameness and ipseity explains the ways in which this genre configures itself as a narrative.

Keywords: Coming-of-age. Narrative identity. Ricoeur. Bakhtin.

La identidad narrativa, de Paul Ricoeur, como explicación de la noción
de formación en el *Bildungsroman* tal como la entiende Mijail Bajtín

Resumen: Este artículo parte del conocido ensayo de Mijail Bajtín sobre el *Bildungsroman* para confrontar sus ideas sobre la representación, por parte de este género novelístico, de la

¹ Texto publicado com apoio do CNPq, através da Bolsa de Pós-doutorado Sênior, Edital 32/2023.

* Centro Universitário Campos de Andrade. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Teoria Literária na Uniandrade, em Curitiba, Paraná. Pós-doutor e Doutor em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: edribeiro@uol.com.br.



formación del hombre, con el concepto de identidad narrativa de Paul Ricoeur. El filósofo francés entiende la narración como la única posibilidad de constituir la identidad del sujeto, que puede extenderse al modo en que la *Bildungsroman*, la novela formativa, busca mostrar la constitución del carácter de los personajes. La dialéctica entre mismidad y ipseidad explica las formas en que este género se configura como narración.

Palabras clave: Formación. Identidad narrativa. Ricoeur. Bajtín.

Introdução

O presente estudo focaliza o conhecido conjunto de anotações que Mikhail Bakhtin fez sobre o *Bildungsroman* e que resultaram em uma obra, desaparecida, não refeita pelo teórico. Suas anotações estão publicadas em *Estética da criação verbal*, que reúne alguns dos estudos primordiais do autor. Bakhtin é um entusiasta do *Bildungsroman*, chegando mesmo a isolar o subgênero como possibilidade de a personagem não ser uma grandeza estática, conjunto de elementos que formam um caráter estável, mas de, ao contrário, mostrar o caráter em sua formação, inserindo-o numa temporalidade mais próxima do tempo histórico.

Sabe-se que teóricos anteriores, como Dilthey (1985) e Lukács (2000), viam o *Bildungsroman* como narrativa do fracasso do herói, que se adéqua aos padrões axiológicos da sociedade burguesa. O foco de Bakhtin é a transformação, possibilidade de o herói não ser sempre idêntico a si-mesmo. A narrativa da *Bildung* do herói mostra a complexidade do humano, o fato de personagens mimetizarem a constante mudança nos elementos que constituem o caráter.

O presente estudo então amplia a noção de caráter, usada por Bakhtin, com a de identidade, usada pelo filósofo Paul Ricoeur em *Tempo e narrativa* e *O si-mesmo como um outro*, como sendo identidade narrativa: a formação de um caráter ocorre porque o eu pode narrar. A transformação bakhtiniana, como qualquer mudança no modo como um sujeito se reconhece, é explicada por Ricoeur através de um processo dialético, em que os elementos estáveis do caráter, a mesmidade, são alterados pelos instáveis, a ipseidade.

A proposta aqui é ver essa dialética proposta por Ricoeur como método para se entender o *Bildungsroman* como romance da identidade narrativa. A transformação, essencial à formação, ocorre como alternância entre mesmidade e ipseidade; essa mesma dialética entre estados e ações transformadoras que também é observada pela semiótica como modelo para a narrativa.

O *Bildungsroman* como representação de processos de transformação

Em seu rascunho para um estudo abrangente do *Bildungsroman*, “O romance de educação na história do realismo”, Mikhail Bakhtin (2003), de certo modo, antevê conceitos que ele mesmo desenvolveria em sua *Teoria do romance*, anos depois. No ensaio sobre o romance de formação, conceito comumente traduzido como “romance de educação” nos estudos sobre o teórico, Bakhtin focaliza o modo como o gênero passou a representar o tempo histórico, aproximando-se de especificidades da vida real. A atenção do teórico oscila entre a formação do homem, no caso, o personagem romanesco, ou seja, os elementos instáveis que constituem, sobretudo, seu caráter, e o tempo como elemento das causas que acabam por constituí-lo. Esse enraizamento do personagem na historicidade é um mérito do *Bildungsroman*, e Bakhtin faz dele um caso isolado dentro do romance como gênero. Teria sido nele que o tempo teria passado a representar o real tanto no que se refere a especificidades do caráter do homem quanto às mudanças que constituem o devir. Ou seja, a palavra que Bakhtin usa para agregar as possibilidades de mudanças ocorridas no tempo é “transformação”.

O ensaio elabora uma tipologia para o romance, que acaba por chegar ao romance de formação como aquela possibilidade de representação da constituição da identidade do personagem, assim como da fluidez do espaço em que as ações acontecem. Bakhtin vê esse enraizamento como possibilidade para uma estetização do real. A representação do real teria alcançado um nível adequado de semelhança

com a ordem das coisas a partir do momento em que a ideia de transformação não se aplicaria apenas a um estado reconhecível dentro da instabilidade do devir. “O nosso critério é a assimilação do tempo histórico real e do homem histórico nesse tempo” (Bakhtin, 2003, p. 217), o qual leva o teórico a enxergar processos de formação do homem em obras as quais, poucas páginas antes, ele havia excluído do gênero por considerá-las anteriores à sua invenção, na segunda metade do século XVIII. Ele próprio criticara as duas tendências nos estudos sobre o *Bildungsroman*, que oscilavam entre uma vertente formalista e outra temática. Essas tendências ainda oscilam, o que torna problemática a discussão sobre os limites dentro dos quais o gênero se enquadra. Bakhtin dá uma atenção excessiva, sem dúvida, a transformações diversas, para a qual é sintomática a lista que aparece no início do capítulo II, “O problema do romance de educação”, que enxerga em obras da Antiguidade grega aquilo que, em seu modo de ver, seria o elemento determinante do gênero, assim como o faz ver em obras onde aparece apenas um ligeiro sintoma de formação do caráter ou de apropriação do tempo histórico aquilo que, para teóricos que formataram o cânone do gênero, como Morgeinstein e Dilthey, não seriam elementos suficientes para caracterizarem o *Bildungsroman*.

Essa atenção excessiva à transformação, em detrimento do conceito de *Bildung* tal qual desenvolvido na Alemanha do século XVIII e que geraria a obra inaugural de Goethe, acaba por levar Bakhtin a expandir o que seria o que, de um modo geral, ele define como “romance de educação”. Afinal, a ideia de transformação da personagem é a que a semiótica, a partir do conhecido ensaio de Vladimir Propp, utiliza para definir narração, quando comparada a outros tipos de linguagem. A semiótica greimasiana faz da mudança de estados do protagonista, através do que chama de “enunciados de fazer”, o elemento que diferencia a narrativa de outros tipos de enunciado: “Há duas diferentes relações ou funções transitivas, a *junção* e a *transformação* e, portanto, duas formas de enunciado elementar, que, no texto, estabelecem a distinção entre estado e transformação” (Barros, 2005, pp. 20-21, grifos da autora). A relação entre junção e transformação, de um modo geral, é o ponto de partida da tipologia do romance que Bakhtin elabora no primeiro capítulo do ensaio.

A evolução do gênero seria, para ele, um lento processo de assimilação de transformações que iriam deixando de se referir, unicamente, a ações, no sentido de peripécias que modificam o estado do herói, para fazerem dessas transformações elementos internos ao caráter do homem e às mudanças no contexto histórico-social. Bakhtin fica próximo do risco de confundir a transformação inerente a toda narrativa com aquela formação conforme vista pelo Renascimento e pelo idealismo alemão. Ele abandona o conceito de *Bildung*, mesmo quando dedica uma atenção mais extensa a Goethe. A obra de Goethe, conforme focalizada por Bakhtin, é revolucionária por enxergar a transformação operada no tempo como indissociável da compreensão efetiva do real. Uma valorização do modo goetheano de enxergar o tempo que extrapola, por exemplo, o modo como outros analistas do autor o observam. Em linhas gerais, Goethe teria trazido uma historicidade à narrativa, uma ancoragem que teria, na visão do teórico russo, prevalência sobre a *Bildung*, conforme vista pelos plasmadores do gênero e por analistas como Moretti, Boes, Graham, Castle, Puga, Maas, dentre outros. Deixar a *Bildung* alemã de lado faz com que Bakhtin seja categórico ao ver nos indícios de transformação na natureza do personagem possibilidades de incluir obras nesse gênero.

O real como enraizador do romance no momento de origem do *Bildungsroman*

Não há dúvida de que o elemento que faz Bakhtin enxergar a inclusão da transformação do caráter e da incorporação do tempo histórico real como determinantes para um gênero que ele vê como minoritário em relação à produção romanesca é o mesmo processo que teóricos como Northrop Frye e Catherine Gallagher analisam, quando falam da transformação do *romance* em *novel*, que se consolida no mesmo momento em que começam a aparecer indícios dessa formação mais atrelada ao conceito alemão. A transformação dentro do conceito de ficção é

apontada por Gallagher quando a teórica distingue *fiction* de *fantasy*. Ou seja: “a ficção elaborou um discurso próprio ao tornar-se menos vistosa: quanto menos era evidente, mais tinha necessidade de emergir como categoria conceitual” (Gallagher, 2009, p. 665-666). Essa proximidade é gradativa, pois parecer verdade trazia problemas a essa nova ficção que se afastava da natureza irreal do imaginário que se desnudava. Esse processo de assimilação da vida cotidiana, do homem comum, intensifica-se com o rompimento com a fantasia exacerbada do *romance*, gênero popularesco, em direção àquela historicidade que se manifesta, entre outros elementos, na assimilação de fatos e personagens reais pelo romance impresso, gênero que passa a ser prevalentemente burguês, não só na temática quanto no público. Essa assimilação da realidade é ontologicamente problemática, faz com que a ideia de ficção se afaste cada vez mais daquela que via o fingimento ficcional como mentira. A verdade dessa ficção que se desenvolve no século XVIII seria abordada pelo próprio Bakhtin, posteriormente, quando ele trata da natureza parodística da ficção romanesca. Real implicaria, também, uma reformulação das estratégias narrativas. Por isso, a terceira pessoa onisciente vai perdendo espaço para uma primeira pessoa que, para resultar em uma imitação verossímil de vozes, imita a configuração de gêneros não-literários, sobretudo das formas de escritas-de-si:

Em princípio, qualquer gênero pode ser incluído na construção do romance, e de fato é muito difícil encontrar um gênero que não tenha sido introduzido algum dia e por alguém no romance. Os gêneros introduzidos no romance costumam conservar nele a elasticidade de sua construção, sua autonomia e sua originalidade linguística e estilística. [...] Além disso, existe um grupo essencial de gêneros que desempenham no romance o mais importante papel construtivo e às vezes determinam por si sós e de forma direta a construção do todo romanesco, criando variedades peculiares de gênero de romance. São eles: a confissão, o diário, a descrição de viagens, a biografia, a carta e alguns outros gêneros. Todos esses gêneros podem não só integrar o romance como sua construção essencial, mas também definir a forma do romance como um todo (romance-confissão, romance-diário, romance em cartas, etc.) (Bakhtin, 2015, p. 108-109).

Essa visão bakhtiniana da voz do narrador como estratégia de ancoragem no real está ausente de seu projeto para uma abordagem mais exaustiva do romance de formação. Aqui, a preocupação do teórico com a coisa representada coloca em plano secundário as formas de representação. É uma das razões pelas quais o teórico acaba

por alargar em demasia o que considera como formação do homem. Essa formação pode ser, quando se observa a cronologia que Bakhtin faz do gênero, da Grécia ao século XX, tanto acidental quanto essencial dentro das obras, leva a abordagem a enxergar formação em demasia em obras onde ela é mencionada apenas como preâmbulo para digressões de outra natureza.

A noção de *Bildung* como processo que ocorre dentro de uma temporalidade mais extensa não pode ser vista, evidentemente, na ancoragem no tempo histórico-social conforme observada por Bakhtin. Essa historicidade deveria ser vista mais como parte do processo de complexificação do gênero romanesco que como um fenômeno mais isolado. Enquanto a *Bildung* alemã é atrelada ao *Bildungsroman*, e teóricos como Moretti, Graham e Boes veem o gênero como primordialmente germânico, Gallagher considera a Inglaterra da Revolução Industrial o lugar onde essa transformação teria sido mais intensa e abrangente. Essa atenção para o florescimento da ficção na Inglaterra faz com que a teórica também veja ali o nascimento de novos modos de recepção:

Mas a identificação consciente com *ninguém* é *conatural* à forma romanesca. Os primeiros *novels* brincam com o absurdo de narrar as aventuras de pessoas inexistentes, frequentemente determinando com argúcia a origem do personagem no “caráter”, no sentido de letra impressa. E naturalmente sobejam as personagens quixotescas, que confundem as pessoas do texto com as da realidade. [...] Às vezes, os escritores lamentavam a extraordinária disponibilidade dos leitores para identificar-se com as personagens, e exprimiam a preocupação de que, a estes, não restasse energia emotiva suficiente para dedicarem aos próprios semelhantes, se as transferissem toda para as “peripécias imaginárias de uma heroína”. (Gallagher, 2009, p. 645).

A relação entre o *ninguém* da *fantasy* e o alguém incômodo que começava a surgir com a ancoragem na historicidade é determinante para que se desenvolvam modos diferentes de formação. Não é produtivo atrelar todos esses modos diversos à *Bildung* alemã, assim como não é possível reduzi-los ao que Bakhtin considera transformação.

A *Bildung* como possibilidade de identidade narrativa

Dentro das análises que Bakhtin dedica a uma tipologia do gênero romanesco, chama a atenção a importância dada ao caráter da personagem. Nessa abordagem, a noção de caráter está muito próxima das noções mais simples de caracterização como conjunto de elementos que tornam um ser reconhecível. Ou seja, embora exista, no ensaio, uma valorização do romance de formação como marcado pela fluidez na determinação desses elementos, ou a inserção deles dentro de uma temporalidade que os modifica, ainda se nota uma atenção para um conceito de Ser que é marcado pela noção filosófica de mesmidade. A mudança torna reconhecíveis aqueles elementos que, em um intervalo de tempo, tornam determinável um caráter. Essa presença da permanência dentro da fluidez problematiza a estrutura do gênero, mas Bakhtin ainda não havia dado uma forma exaustiva ao seu ensaio, na qual essa aporia pudesse ser explicitada. É como se a transformação ainda não pudesse ser representada senão como mudança de estados através de enunciados de fazer. O tempo bakhtiniano é aristotélico: formado por instantes que se justapõem, formando uma linha. Cada instante poderia ser visto como portador da manifestação da mudança em algum elemento. Trata-se, sem dúvida, da estrutura canônica do romance novecentista: a oscilação entre sumários e cenas como enunciados de estado e de fazer.

Sem dúvida, essa estrutura existe em todos os gêneros que fazem uso do discurso narrativo. Essa estrutura, que oscila entre sumários e cenas para a descrição de caracteres mas também para mostrar as ações que geram a mudança, manifesta-se de modos díspares. É essa disparidade que leva o teórico a elaborar uma tipologia em que, cada vez mais, os enunciados de fazer geram novos sumários, ou seja, estados que podem ser resumidos como descrições de caráter. O romance de viagens, por exemplo, enumera as ações em mudanças que não alteram esse caráter, mas apenas a situação, as circunstâncias que tornam possível a mesmidade da personagem. O romance de provas faz da mesmidade o elemento agregador do conflito. Bakhtin mostra que as mudanças dentro da mesmidade são possíveis quando aborda o

romance biográfico. Aqui, ele atrela o biográfico ao tempo cíclico do idílio, algo que desenvolve de modo mais detalhado em sua teoria dos cronotopos narrativos. A importância do tempo cíclico do idílio para a intensificação das transformações no personagem ainda sugere, no ensaio, uma possibilidade de atenuação das crises que as geram. O tempo biográfico é visto como derivado daquele tempo que filósofos como Bergson (2010) definem como “biológico”. Cíclico, aqui, é algo que pode ser visto como conjunto de etapas. Ou seja, o tempo cíclico, conforme visto por Bakhtin, é aristotélico. Trata-se daquilo que o filósofo francês define como ilusão cinematográfica da realidade. Esse modo sequencial de apreensão do real é o da linguagem, e torna-se um modo de organização da narrativa romanesca:

Em vez de nos prendermos ao devir interior das coisas, postamo-nos fora delas para recompor artificialmente seu devir. Tomamos vistas quase instantâneas da realidade que passa e, como elas são características dessa realidade, basta-nos enfileirá-las ao longo de um devir abstrato, uniforme, invisível, situado no fundo do aparelho do conhecimento, para imitar o que há de característico nesse devir ele próprio. Percepção, intelecção, linguagem geralmente procedem assim (Bergson, 2010, p. 330-331).

Uma visão sequencial que acaba por ser o modo narrativo da transformação e da formação. Ciclos seriam instantes marcados por transformações inevitáveis, já que determinadas por causas exteriores aos personagens. Os ciclos do idílio se opõem aos momentos de crise do romance de provas. No entanto, ainda não se percebe, nessa tipologia bakhtiniana, a duração bergsoniana. A atenção para ela seria dada por Georg Lukács (2000), ainda que de modo ligeiro.

A abordagem desses teóricos leva-nos ao pensamento filosófico sobre identidade e caráter. Quando se fala em caráter como elemento constitutivo da identidade, pensa-se no modo como Paul Ricoeur (2010;1991) elabora o conceito de identidade narrativa, não só em *Tempo e narrativa*, mas sobretudo em *O si-mesmo como outro*. As noções mais completas acerca do tipo narrativo focalizam a transformação como sendo sua temática primordial, o que se manifesta na sua estrutura. A contribuição de Ricoeur a esse conceito dá a ele uma importância epistemológica compatível, dentro do pensamento sobre o Ser, com a visão kantiana e com a heideggeriana. O Ser é mutável, ou seja, ele só pode ser apreendido em sua

condição de fenômeno. Apreende-se o Ser como a posição assumida pelo ente em momentos diferentes dentro da temporalidade. Essa visão do Ser como constituído por elementos instáveis faz com que a identidade tenha que ser submetida à duração. Heidegger amplia a inserção feita por Kant do Ser no tempo ao criar o conceito de “intratemporalidade”, fundamental para que se atrelem tanto história quanto ficção à narrativa: “Só a elaboração da temporalidade da pre-sença enquanto cotidianidade, historicidade e intratemporalidade proporciona a visão plena das *implicações* de ontologia originária da pre-sença” (Heidegger, 2012, p. 128). O atrelamento do cotidiano com o histórico em um único tempo existenciário faz enxergar o processo já apontado de transformação da ficção ocorrido no século XVIII. Heidegger é preciso: “O ente intramundano é, então, acessível como ‘o que está sendo no tempo’. Chamamos de *intratemporalidade* a determinação temporal dos entes intramundanos” (HEIDEGGER, 2012, p. 128), “estar sendo” é algo que indica mudança dentro do tempo, não permanência em algo que muda. Essa visão kantiana de Heidegger, explicitada em “A tese de Kant sobre o ser”, é assimilada por Paul Ricoeur, primeiramente, em *Tempo e narrativa*, em que história e ficção têm suas naturezas interligadas como possibilidades de constituição e de reconhecimento de identidades. Heidegger reconhece em Kant a aporia que existe entre a manifestação de um Ser e o modo de reconhecimento daquilo que o constitui:

Ser – “evidentemente” não é um predicado real. [...] Ser – isto significa evidentemente realidade. Como pode o ser não ter, então, o valor de um predicado real? É que para Kant a palavra “real” guarda ainda sua significação original. Ele indica aquilo que pertence a uma *res*, a uma coisa, ao conteúdo positivo de uma coisa. Um predicado real, uma determinação que pertence à coisa, é, por exemplo, o predicado “pesada” relacionado com a pedra, pouco importando se a pedra existe efetivamente ou não. [...] Realidade não significa para Kant o que existe efetivamente, mas aquilo que pertence à coisa. Um predicado real é o que faz parte do conteúdo positivo de uma coisa e que lhe pode ser atribuído (Heidegger, 1996, p. 229).

Trata-se de um modo de apreensão do Ser que resultaria em uma impossibilidade empírica, se Heidegger não tivesse recorrido a um modo pouco claro em *Ser e tempo* para procurar um recurso mais tangível após o que ficou conhecido como “virada” heideggeriana, na década de 1930: é a linguagem que manifesta o Ser,

tese que rompe com a ideia de renúncia à amplitude daquela. Heidegger não chega a uma posição de negação do sujeito, como ocorre com o pensamento posterior à Segunda Guerra Mundial. No entanto, ele acredita em possibilidades discursivas que soam como ideologizações, uma visão ingênua acerca das possibilidades de o signo linguístico expressar a ontologia dos seres. A negação da possibilidade da constituição dos seres como subjetividades marcou o pensamento que exagerou quando colocou a noção de identidade como uma impossibilidade discursiva. Paul Ricoeur tem representado, para o pensamento contemporâneo, a possibilidade de um equilíbrio entre o sujeito cartesiano, exaltado como constituição do pensamento, e o sujeito humilhado, porque impossível através da linguagem, que passa a ser recorrente depois de Nietzsche e que alcança na abordagem foucaultiana seu momento mais exacerbado. É possível enxergar-se no Foucault de *A hermenêutica do sujeito* e de *A coragem da verdade* uma revisão desse exacerbamento. O conceito de “*parresía*” (Foucault, 2011), que define o que se pode chamar de coragem de um sujeito falar a verdade a respeito de si, através de escritas-de-si e do testemunho, mostra que se pode pensar em uma natureza constitutiva ou desveladora do Ser através da linguagem. É recorrente que se veja no conceito de identidade narrativa, desenvolvido por Ricoeur, uma impossibilidade, quando ele é contraposto àquelas abordagens de certo período de Foucault. No entanto, a noção de *parresía*, assumida dos gregos por Foucault, coloca o discurso como possibilidade da expressão da verdade sobre o Ser, de um modo que, se neste ainda é incipiente, em Ricoeur ganha uma abordagem heurística.

Em *Tempo e narrativa*, a preocupação de Ricoeur com o tempo como sendo a razão pela qual os homens criam narrativas faz com que ele busque em Heidegger o conceito de “intratemporalidade” (Ricoeur, 2010, p. 132) como condição inarredável da existência. Estar inserido no tempo é algo irrecorrível, que resulta em tentativas de entender e explicar sua natureza. Para compreendê-lo, os homens narram. No entanto, não podem chegar a compreendê-lo. Essa impossibilidade, que Ricoeur enxerga na aporia de Santo Agostinho de se existir no presente mas se sendo incapaz de percebê-lo porque a consciência o assimila já como passado, é a condição primordial de toda narrativa. O que se empreende é compreender o tempo já

decorrido para se compreender o presente. Percebe-se nessa ideia a aporia de se entender o Ser como posição das coisas, apreendidas no presente, mas explicadas enquanto coisas já decorridas. Heidegger havia, sem dúvida, pensado a possibilidade de o sujeito constituir-se através da preocupação com o tempo futuro. O ser-para-a-morte, no entanto, ainda não se explicita através de um discurso. Após a virada, Heidegger volta-se mais para um Ser capaz de se desvelar como fenômeno lançado na existência que para um projeto a ser constituído. A linguagem poética parece um modo de estabelecimento de uma *parresía* foucaultiana estabelecida por um sujeito que quer dizer-se.

Ricoeur adota a narrativa como uma possibilidade de reconhecimento de identidades. Ou seja, ele recoloca o Ser como sujeito que se autorreconhece, dentro de uma temporalidade que não pode abandonar o já sido. Narrativas precisam de um estado anterior para que se reconheça o seu agente como possuidor dos elementos que o identificam no momento da enunciação. Ricoeur transforma a aporia agostiniana em possibilidade de reconhecimento das identidades, mas a narrativa fica sendo uma condição inevitável para isso. Em vez de uma sequência de estados estáveis ou duradouros que pudessem formar aquela linha de instantes do tempo aristotélico, Ricoeur atenta para a ação de transformação. Essa visão, que passa pela concepção bergsoniana da duração como mudança incessante, mas a abandona, faz com que a narrativa se defina como o ato de contar como a transformação ocorreu, de modo a originar uma nova condição. É aquele modo que Bergson critica na linguagem como sendo ela uma impossibilidade de representação do tempo real. É evidente que nenhuma narrativa pode dar conta do devir incessante, por estar atrelada aos mecanismos cinematográficos de representação. Essa impossibilidade torna possível compreender as razões pelas quais Bakhtin foi preciso ao dizer que a maioria dos romances prefere tratar da estabilidade do caráter da personagem diante das mudanças do que focalizar alterações incessantes. Trata-se de economia narrativa.

Evidentemente, o *Bildungsroman* é uma narrativa que termina em um enunciado de estado. Isso o leva ao grande problema que os teóricos apontam na sua configuração, que é o de terminar o processo de formação de um modo em que o

estado final parece definitivo. Em vez de mostrar sujeitos sempre idênticos a si-mesmos, o *Bildungsroman* preferiu tratar de personalidades que acabam sua formação como se, a partir daquele momento, a transformação cessasse ou ficasse irrelevante. Lukács critica esse aspecto do gênero, apontando nele uma certa incapacidade de enxergar disparidades dentro da formação:

A predeterminação absoluta do malogro é o outro obstáculo objetivo da pura configuração épica: seja essa fatalidade afirmada ou negada, lastimada ou escarnecida, o perigo de uma postura lírico-subjetiva diante dos acontecimentos, em vez da pura recepção e reprodução épico-normativas, é sempre muito mais iminente do que no caso de uma batalha menos intrinsecamente decidida de antemão. É o estado de ânimo do romantismo da desilusão que porta e alimenta esse lirismo. Uma sofreguidão excessiva e exorbitante pelo dever-ser em oposição à vida e uma percepção desesperada da inutilidade dessa aspiração; uma utopia que, desde o início, sofre de consciência pesada e tem certeza da derrota (Lukács, 2000, p. 122).

O teórico passa dessa característica do que define como “romantismo da desilusão” para a das personagens, que se formam de modo a estarem desvinculados daquela historicidade que Bakhtin, ao contrário, atrelava unicamente a esse gênero. A existência de fatos psicológicos autossuficientes nesse romance de formação conforme visto por Lukács é outra forma de a teoria literária exacerbar a natureza de um modo de configuração narrativa. Lukács está preocupado com um realismo mais atrelado a uma historicidade distanciada da subjetividade. A noção de identidade narrativa como modo de explicar também a narrativa da história parece não ser admitida por ele:

Ora, aqui cada uma dessas relações está desde o início interrompida. Isso porque a elevação da interioridade a um mundo totalmente independente não é um mero fato psicológico, mas um juízo de valor decisivo sobre a realidade: essa auto-suficiência da subjetividade é o seu mais desesperado gesto de defesa, a renúncia de toda a luta por sua realização no mundo exterior – uma luta encarada já *a priori* como inútil e somente como humilhação (Lukács, 2000, p. 119).

Um mundo independente da subjetividade, ou sujeitos que se formam desvinculados do seu contexto histórico-social, acaba por se configurar como argumento do teórico em desfavor dessa humilhação recorrente no romance de formação em relação ao estado final de seus heróis. O fracasso é visto como inerente

a subjetividades desvinculadas de ações que pudessem transformar a desilusão com o real. Para o teórico, essa irrecorribilidade da subjetividade diante da temporalidade faz com que o romance seja o gênero capaz de expressão da duração bergsoniana. Algo com que Bergson não concordaria.

A dialética da identidade narrativa como possibilidade de se mostrar a formação

A identidade narrativa é uma hermenêutica do si-mesmo. Essa identidade constituída pela narrativa também pode referir-se a povos, a grupos, a países, o que faz com que história e ficção sejam possibilidades narrativas constituídas por uma mesma natureza. A formação de identidades é uma ação de contar-se, uma inscrição no tempo. Existe o “eu”, unidade existenciária, aquele que existe, mas que só pode constituir sua identidade como “si-mesmo”, ou seja, através da narrativa, olhando-se como um outro o faria. O si-mesmo é um olhar que o eu pode fazer de si com a objetividade, mesmo relativa, de quem fala sobre o outro. Narrar é a única possibilidade de esse Ser reconhecer-se na intratemporalidade, como ente que muda de posição. Ele assume uma hermenêutica de si-mesmo, pois a narrativa é o entrelace entre a voz que enuncia (presente) e a memória (passado).

Em *O si-mesmo como um outro*, a ação de contar-se aparece atrelada à ação como possibilidade ética. O conjunto de elementos constitutivos da narrativa também explica a natureza e o sentido das ações. Contar-se também é estabelecer juízos de valor acerca daquele que através disso constitui sua identidade. Ricoeur elenca os seguintes elementos, considerados como encadeados:

Uma maneira eficaz de proceder à determinação mútua das noções pertencentes a essa rede de ação é identificar a cadeia das questões susceptíveis de serem colocadas ao sujeito da ação: quem faz ou fez o quê, em vista de quê, como, em quais circunstâncias, com quais meios e quais resultados? As noções-chave da rede de ação tiram seu sentido da natureza específica das respostas levadas às questões específicas que elas próprias se

entre-significam: quem? quê? por quê? como? onde? quando? (Ricoeur, 1991, p. 75).

Esse encadeamento explicita uma causalidade que resulta na verossimilhança do narrado. Ser verossímil é estabelecer sentidos para aquele conjunto de elementos. Essa causalidade do si-mesmo repousa, sobretudo, na memória. O si-mesmo cria uma intriga para a sua história, como na narrativa ficcional. A narrativa que constitui e torna reconhecível uma identidade segue essa intriga. A produção de sentidos na narrativa é algo que faz com que Ricoeur destoe de teóricos que enfatizam o fracasso do processo de formação. Narrar é um processo dialético, não apenas uma sequência de ações e estados. A dialética constitui sentido quando se atenta para a intriga. A constituição do si-mesmo é hermenêutica. É contar-se. Mas essa é a única possibilidade de se atribuir identidade também ao grupo, à nação, assim como é o modo de se elaborarem personagens.

Os dois elementos que se confrontam nessa relação dialética são os tipos de identidade que Ricoeur herda das tradições empiristas e idealistas: “A natureza verdadeira da identidade narrativa só se revela, na minha opinião, na dialética da ipseidade e da mesmidade. Nesse sentido, esta última representa a maior contribuição da teoria narrativa à constituição do si” (Ricoeur, 1991, p. 168). Essa afirmação poderia se referir apenas a narrativas de fatos reais, se Ricoeur não tivesse sido explícito acerca da importância da narrativa ficcional e seus processos miméticos para que ele tivesse formulado uma teoria da identidade configurada a partir do contar. Os procedimentos para se configurar a narrativa de fatos reais são aqueles que o narrador da memória, aquele que faz uso do passado como matéria explícita do narrado, utiliza quando configura a sua mimesis.

Assim, identidade-*idem* e identidade-*ipse* integram a dialética da narrativa do si-mesmo como ação de contar; a narrativa de ficção complexifica essa dialética, pois a prevalência da identidade-*idem* como elemento que dá unidade à intriga obscurece a identidade-*ipse* como inscrição da personagem numa temporalidade como duração. Ricoeur vê a identidade-*idem* como a maior contribuição à constituição do si-mesmo.

No entanto, trata-se dessa limitação que Bakhtin atribui à representação das personagens na maioria dos romances. Elas seriam si-mesmos estanques.

A dialética de Ricoeur se assemelha aos modos como a *Bildung* é descrita, por exemplo, por Hegel, na *Fenomenologia do espírito*, já como processo inserido no tempo. As palavras de Hegel remetem ao conceito de si-mesmo como outro:

Chamemos conceito o movimento do saber, e objeto, o saber como unidade tranqüila ou como Eu; então vemos que o objeto corresponde ao conceito, não só para nós, mas para o próprio saber. Ou, de outra maneira: chamemos conceito o que o objeto é em-si, e objeto o que é como objeto ou para um Outro; então fica patente que o ser-em-si e o ser-para-um-Outro são o mesmo. Com efeito, o Em-si é a consciência, mas ela é igualmente aquilo para o qual é um Outro (o Em-si): é para a consciência que o Em-si do objeto e seu ser-para-um-Outro são o mesmo. O Eu é o conteúdo da relação e a relação mesma; defronta um Outro e ao mesmo tempo o ultrapassa; e este Outro, para ele, é apenas ele próprio (Hegel, 1992, p. 119-120).

A relação do si-mesmo com o outro aparece em Ricoeur através da distinção entre o “eu” e o “si-mesmo”. Afinal, “si” é um pronome de terceira pessoa. Aquele que diz “eu” narra a si-mesmo fazendo uso dos processos pelos quais o outro o olha, ou seja, como se pudesse se enxergar de fora. Por isso, esse si-mesmo assimila uma alteridade para poder ser objeto da própria narrativa sobre seu eu. A condição de sujeito e de objeto é parte da hermenêutica do si-mesmo. Em Hegel, esse processo de consciência de si é uma parte da *Bildung* essencialmente alemã como formação cultural. Trata-se de um processo no qual o eu se forma através da ação que modifica o mundo. É conhecida a distinção que Hegel faz entre servos e senhores e sua valorização do servo como capaz de apreender porque atua sobre o mundo material, modificando-o. A ideia é complexa, pois opõe visões acerca da constituição do herói no romance de formação. Hegel estaria mais próximo de Bakhtin ao assumir a dimensão pedagógica da *Bildung*. No entanto, a atenção para a capacidade de modificar o mundo o aproxima de Lukács.

A tipologia formulada por Bakhtin, no começo de seu ensaio, valoriza a relação do herói com o contexto histórico-social, através de uma lenta capacidade de alterá-lo. Por isso a valorização dessa inserção da historicidade como elemento indissociável da própria formação. Mas o teórico russo enxerga a formação de uma maneira em que

ela pode incorporar as diversas possibilidades que o gênero desenvolveu. Sua atenção volta-se para as diferentes maneiras conforme os países foram dando atenção a aspectos específicos do que constituiria a formação. A admissão de aspectos que vão além da formação cultural alemã está na base para o modo como Bakhtin (2003, p. 218, grifos do autor) inclui na sua lista obras que conteriam alguma especificidade relacionada a esse processo como “o elemento da *formação rigorosa do homem*”, mesmo se percebendo que esse alargamento torna menos “rigorosa” essa inclusão.

Afinal, a formação “rigorosa” de que fala Bakhtin atenta, sobretudo, para uma das formas de identidade de que trata Ricoeur como constituinte da hermenêutica do si-mesmo: a ipseidade como inscrição na temporalidade. Na maioria dos romances, prevalece a mesmidade. Essa identidade-*idem* também é o ponto terminal, o agora dos romances de formação. É nesse sentido que, apesar de considerar a imensa maioria da produção romanesca como voltada para a identidade de um caráter como semelhança consigo mesmo, o teórico russo se dê como satisfeito se a inclusão de uma formação rigorosa forma uma causalidade que resulte em verossimilhança. Não se trata, para ele, de caracteres estáveis, sempre idênticos a si mesmos ao longo de toda a narrativa, mas de um processo de formação a partir do qual essa estabilidade parece evidente, mesmo que representando o fracasso em relação à qualidade desse caráter. Na conhecida afirmação acerca dessa ausência dos processos de formação, ele afirma:

A imensa maioria dos romances (e de todas as modalidades romanescas) conhece apenas a imagem da personagem *pronta*. (...) Na maioria das modalidades do gênero romanesco, o enredo, a composição e toda a estrutura interior da personagem postulam essa imutabilidade, essa firmeza da imagem da personagem, o aspecto estático da sua unidade. A personagem é uma *grandeza constante* na fórmula do romance; todas as demais grandezas – o ambiente espacial, a posição social, a fortuna, em suma, todos os elementos da vida e do destino da personagem – podem ser *grandezas variáveis* (Bakhtin, 2003, p. 218-219).

Está-se aqui diante daquela identidade tantas vezes vista como a mais tangível: a semelhança do Ser consigo mesmo em dois momentos diferentes do tempo. Ou seja: uma visão vulgar do tempo como mudança na ordem do mundo, que é perceptível mesmo para aquele personagem que não se altera. A grandeza constante bakhtiniana

remete à mesmidade, enquanto os processos de formação rigorosa do homem remetem à ipseidade. Os dois elementos da dialética de Ricoeur indicam, sem dúvida, o que diferencia, para Bakhtin, o romance de formação dos outros gêneros. A presença de uma forma de ipseidade no herói distinguiria esse gênero da “imensa maioria dos romances”, mesmo quando ela poderia cessar e dar a dialética como encerrada, mesmo quando se refere a algum elemento específico do caráter, como a formação sentimental ou a estética. As duas identidades, conforme Ricoeur (1991, p. 140) as sintetiza:

Evoco os termos da confrontação: de um lado, a identidade como *mesmidade* (latim: *idem*; inglês: *sameness*; alemão: *Gleichheit*), do outro, a identidade como ipseidade (latim: *ipse*; inglês: *selfhood*; alemão: *Selbstheit*). A ipseidade, tenho afirmado muitas vezes, não é a mesmidade.

As duas constituem a identidade narrativa e são constituídas por formas específicas de manifestação. A mesmidade, sem dúvida, é o que explica a permanência do caráter do herói em tipos nos quais ele precisa mostrar uma constância que não é passível de alteração. O romance de viagens seria o paradigma bakhtiniano mais bem acabado da mesmidade. O romance de provas, por sua vez, anuncia a possibilidade da alteração do caráter, mesmo quando essa não ocorre, como no romance de cavalaria. O herói resiste ao que poderia modificá-lo. No romance biográfico, a mudança passa a ser estruturante. As direções podem ser diversas: a tradição da hagiografia estabelece uma mudança única e radical no herói, como é o caso da conversão a uma religião; no romance idílico, a biografia é constituída por aquelas mudanças específicas do tempo biológico: todo ser submetido a ele passa por alterações semelhantes. A ipseidade é elemento perceptível no romance biográfico: ser um si-mesmo após a mudança significa a possibilidade da memória e de um contar-se. Trata-se de uma formação ainda incipiente, sem aquela condição de ser rigorosa, ou seja, de referir-se essencialmente ao caráter.

As palavras de Cristina Amaro Viana, em um artigo que retoma a ligação de Ricoeur com a temporalidade agostiniana da distensão da alma, indicam com precisão

as principais diferenças entre essas identidades. Acerca da identidade-*idem*, ela destaca:

Para Ricoeur, até agora os estudos sobre a subjetividade, particularmente no que se refere ao aspecto de unidade do *eu*, só geraram aporias, e isso porque se deixou de considerar uma característica fundamental da noção de *eu*. Para Ricoeur, a identidade tem de ser compreendida levando-se em consideração duas dimensões: *identidade idem* e *identidade ipse*. A dimensão da identidade *idem* corresponde ao conceito de *mesmidade* ou *identidade numérica*, isto é, a compreensão de que o indivíduo se prolonga através do tempo por meio da manutenção de algum núcleo invariável em sua constituição. É este aspecto da identidade que está implícito quando fazemos a reidentificação conceitual de pessoas (bem como de objetos), seja chamando-as pelo mesmo nome que lhes fora atribuído muito tempo antes — ou alguma outra denominação invariável —, seja quando entramos nas intermináveis discussões acerca dos *critérios* de identidade (Viana, 2015, p. 10).

Esse “núcleo invariável em sua constituição” é um modo de se explicar a grandeza constante de que trata Bakhtin. A construção dessa grandeza constante, como verossimilhança, origina especificidades estéticas essenciais à passagem da *fantasy* para a *fiction*, ou para a transformação do gênero romanesco em grande obra de arte. Explicar, ao longo de uma narrativa, formas de uma mesmidade ir sendo construída, passou a ser um critério de valoração da configuração estética. É frequente que narrativas que inserem elementos destoantes dentro da mesmidade sejam tratados como mal construídos.

A mesma estudiosa de Ricoeur aponta especificidades para a ipseidade:

Uma segunda dimensão da identidade do sujeito é a identidade *ipse*, que tem caráter *qualitativo*, pois não impõe a necessidade de continuidade de uma mesma entidade ou conjunto de características para que se possa afirmar, de maneira lícita, a identidade de um indivíduo em dois momentos distintos de sua história. Por isso esta dimensão da identidade é a que é invocada toda vez que nos referimos às implicações temporais da noção de *eu*, tais como responsabilidade e mérito. É evidente que este tipo de identidade envolve uma dimensão ética, na medida em que a narrativa não está isenta das avaliações morais: “[...] na permuta de experiências que a narrativa realiza, as ações não deixam de ser aprovadas ou desaprovadas e os agentes não deixam de ser elogiados ou censurados.” (...) Como exemplo da identidade *ipse*, Ricoeur aponta a promessa, que pressupõe um tipo de permanência no tempo, ainda que esta não seja uma permanência substancial [...] (Viana, 2015, p. 10-11).

As “implicações temporais da noção de eu” estão ancoradas, sem dúvida, na possibilidade da enunciação, da voz que conta e que pode prometer ou empenhar a própria palavra. Essas implicações necessitam que o eu da enunciação se assuma como um si-mesmo. Essa voz é negada ao narrador naquelas modalidades primordiais, como o romance grego, o de viagem ou o de provas, em que ainda existe uma recorrência do narrador em terceira pessoa, típico ainda do *romance* e que o *novel* passa a transformar em voz personalizada. É uma das razões do baixo nível de complexificação estética daquelas modalidades que ainda serviam ao entretenimento. A *Bildung*, sem dúvida, possibilita a complexificação da narração, conforme o próprio Bakhtin observa em Rabelais. Representar a temporalidade como formação, ou seja, como mudança, demanda recursos enunciativos e estruturais. A representação da temporalidade é, conforme Ricoeur (2010) em *Tempo e narrativa*, a razão pela qual o homem narra. Representar o tempo é um empreendimento que visa a compreendê-lo, mesmo que condenado ao fracasso. A aporia da narrativa, em Ricoeur, não pode ser apreendida da sua concepção de identidade narrativa. Esta é, ao contrário, a única possibilidade de constituição e de compreensão da identidade pessoal. Pode parecer novamente aporético: a ipseidade demanda a temporalidade, como distensão e como intenção. Afinal, é a intenção que possibilita a promessa, aquela garantia que o eu dá de que ele permanece sendo o mesmo, após um lapso de tempo marcado pela instabilidade. Da mesma forma, é a memória da distensão que torna possível insistir numa ideia de semelhança com o si-mesmo.

A ipseidade é constitutiva do conceito de formação, assim como do gênero romanesco que a representa. Uma das características do gênero é insistir no reconhecimento, como mesmidade, daquele que detém o nome, dentro de uma temporalidade que marca a sua transformação, como ipseidade. A identidade-*ipse* é, inegavelmente, a que determina a possibilidade da *Bildung*, assim como do romance de formação. A mudança dentro de um si-mesmo, que Bakhtin enxerga como o primeiro esforço do romance por assimilar o tempo histórico, assimila aquelas possibilidades inevitáveis de mudança do tempo cíclico do romance biográfico, mas atenta, sobretudo, para aspectos do caráter que podem ser vistos como sendo objetos

da transformação. Se a transformação é o tema do tipo narrativo, é ela que configura não apenas a identidade narrativa, mas a sua representação na forma de hermenêutica do si-mesmo.

A condição enunciativa do narrar, do contar-se, estabelece que o personagem apareça dentro de um tempo que é o presente da enunciação, seja ela empreendida por uma voz que fala de si-mesma como eu ou por um narrador que a observa como outro. Esse presente enunciativo estabelece uma cessação na formação, que pode ser aquela do fracasso, da humilhação, da adequação ao modo de vida burguês, mas também a do novo *Bildungsroman* identitário, que Meredith Miller considera como podendo constituir um novo gênero, por buscar a afirmação de uma formação que se considera exemplar. Essa identidade quer ser a mesmidade de grupos que querem fazer notadas as suas especificidades:

These narratives pose queer selves as threshold figures, as journeying forward, yet as inessential, contingent, outside of national space and history or constituted in linguistic instability. Once we call them Bildungsroman, have we stretched the definition beyond a useful meaning?”² (Miller, 2019, p. 263).

A afirmação aponta para aspectos que contrariam a noção de Ser estabelecida como não sendo predicado real. É quase como se esses elementos identitários, para Miller, não pudessem constituir mesmidades. Contingente e inessencial apenas confirmam a tese de que o Ser é posição. Essa cegueira redutora, na verdade, intensifica uma visão da *ipseidade* como elemento de mudança dentro da dialética da constituição da identidade. O que Miller considera inessencial é a *ipseidade* exatamente naquele sentido conforme Bakhtin a considera “formação substancial do homem”, ou seja, elemento do Ser em transformação, lançado no tempo. A pergunta sobre se o *Bildungsroman* teria fugido ao seu sentido recorrente parece ingênua quando a colocamos diante do conceito bakhtianiano de “formação essencial” e do de *ipseidade*

² Essas narrativas colocam os eus *queer* como figuras limites, como avanços, mas como não essenciais, contingentes, fora de espaço e história nacionais ou constituídos por instabilidade linguística. Quando nós chamamos-los de *Bildungsroman*, estendemos a definição além de seu significado recorrente?

ricoeuriano. Como se a teórica britânica enxergasse no cânone do *Bildungsroman* a necessidade da mesmidade como caráter definitivo.

Outro aspecto que merece uma atenção que enxergue a diversidade, a fragmentação nessa formação substancial do homem, é o modo como Bakhtin oscila entre vislumbrar no romance de formação uma concepção de um homem como totalidade, representação de um mundo, e a possibilidade de o gênero atentar para elementos específicos da construção de um caráter ou identidade. A divisão do gênero em cinco categorias mostra que Bakhtin percebeu que esse homem como totalidade não cabe na unidade de uma intriga romanesca. Cada uma das categorias que são enumeradas atenta para um fio condutor dentro do que poderia ser a formação de um homem como totalidade. Bakhtin, ao fazer essa categorização, aproxima-se daquilo que Ricoeur faz ao dizer que as identidades formadas a partir de narrativas partem de intrigas que atentam para modos específicos de o sujeito olhar para a própria história e o próprio caráter. Essa intriga, na narrativa que constitui a identidade do sujeito, é a atenção para aspectos que fazem com que este dê unidade à sua própria história e ao seu caráter. Tanto essa intriga quanto a da narrativa ficcional não dão conta da formação do homem em sua totalidade. Diante disso, a afirmação de Bakhtin estabelece uma certa contradição com sua categorização:

O próprio conteúdo dessa grandeza constante (da personagem pronta e imutável) e os próprios indícios de sua unidade, da permanência e da auto-identidade podem ser muito diferentes, começando pela identidade do nome vazio da personagem (em algumas modalidades do romance de aventura) e terminando no caráter complexo, do qual alguns aspectos se revelam apenas gradualmente, ao longo de todo o romance. Pode ser diferente o princípio da essencialidade que guia toda a seleção de traços, diferente o princípio da sua vinculação e unificação no todo da imagem da personagem. Por último, podem ser diferentes os modos de revelação composicional dessa imagem (Bakhtin, 2003, p. 119).

A afirmação de que há uma “seleção de traços” capaz de gerar a “unificação no todo da imagem da personagem”, e de que “podem ser diferentes os modos de revelação composicional dessa imagem” é uma constatação acerca da mesmidade da “personagem pronta e imutável”. A mesma ideia poderia ser aplicada à ipseidade como parte de uma intriga atrelada a seu fio condutor. Mas, ao fazer a sua

categorização do romance de formação, ficam evidentes os modos de revelação composicional da personagem como incapazes de darem conta do homem em sua totalidade. A ordem final, quase sempre a vitória na luta ou o casamento, nesse romance da mesmidade de que fala Bakhtin, é parte da dialética que estabelece como identidade-*idem* aquilo que, ao longo da narrativa, permanece como identidade-*ipse*, na condição de palavra empenhada. Não se refere, evidentemente, ao caráter do herói, que é o foco de interesse do teórico ao falar de formação e de transformação. Trata-se de transformações na ordem das coisas, que estavam desequilibradas para que houvesse o conflito gerador da intriga. O estabelecimento de uma ordem final, mesmo quando ela apenas confirma um caráter como grandeza constante, acrescenta, sem dúvida, elementos que deixam de pertencer à identidade-*ipse* para fazerem parte de uma nova mesmidade. Ser casado ou ter filhos, por exemplo, é exemplo relacionado à identidade-*idem*, mesmo quando essa passa a ser uma ordem nova, colocada como uma nova permanência em relação a um futuro que fica fora da economia romanesca.

A abordagem do romance de formação, por Bakhtin, coloca quem se debruça sobre o conceito de identidade diante das limitações da representação. O caráter é aquilo que, na visão bakhtiniana, mostra a formação do homem e o insere em uma temporalidade histórico-social. Formação agrega uma série de elementos mutáveis, mas interessa, sobretudo, como constituição do caráter. Bakhtin mostra em sua abordagem maior proximidade com a natureza jurídica da narrativa, aquela que decide sobre a qualidade do caráter e as possibilidades de aquele que o possui agir de acordo com uma axiologia. A complexidade de elementos psicológicos merece atenção menor. Na mesma época, a psicanálise vinha desvendando essa complexidade, que a literatura explorava como representação da natureza humana e a levava a romper com modos lineares de temporalidade. A causalidade dentro do processo de formação, na visão bakhtiniana, ainda é novecentista, é a do realismo. É aquela que enxerga uma definitivização dos caracteres, mas não alcança a natureza de transformação incessante da dialética da identidade proposta por Ricoeur. Talvez por isso Bakhtin tenha criado uma categorização para o *Bildungsroman* em que há

uma hierarquia que vai da transformação do elemento mais exterior, mais físico, até a natureza psíquica e ética do caráter. É algo que pode até ser apreendido como uma hesitação do teórico. Quase como se ele fosse retirando o romance de formação, de forma gradual, daquela imensa maioria em que o caráter do personagem é uma grandeza constante. E a passagem daquilo que é grandeza variável para o que é formação repousa sobre um limite tênue. “A personagem é uma *grandeza constante* na fórmula do romance; todas as demais grandezas – o ambiente espacial, a posição, a fortuna, em suma, todos os elementos da vida e do destino da personagem – podem ser *grandezas variáveis*” (Bakhtin, 2003, p. 219). A passagem de uma para outra constitui um exemplo de dialética entre ipseidade e mesmidade, se atentarmos para elementos constituintes da identidade pessoal que não se referem, unicamente, ao caráter.

A identidade narrativa como constitutiva e a ipseidade como causalidade

De um modo geral, a dialética entre mesmidade e ipseidade explica a possibilidade da formação, da constituição de identidades pessoais que incluem, entre outros elementos, o caráter. Essa dialética é elemento constitutivo do romance de formação, de modo a configurar sua intriga. No entanto, não se pode reduzir a configuração da intriga nesse gênero a uma linearidade típica da narrativa como representação do tempo aristotélico. A relação entre mesmidade e ipseidade está presente na estrutura canônica da distribuição cronológica de sumários e cenas. O sumário como síntese da mesmidade; a cena, como momento em que a intriga explicita um conflito, elemento de desequilíbrio que altera a mesmidade inicial, sendo, portanto, parte da ipseidade. O *Bildungsroman* realista, sobretudo, adotou essa dialética como explicitação da causalidade que define um caráter formado. Mas foi a partir dessa causalidade fácil de ser detectada que a modernidade pôde dar início a experimentações que rompiam com a estrutura cinematográfica do tempo. A ruptura

nessa ordem chamou de modo rápido a atenção de Bakhtin, mas não o suficiente. Ele vê a transformação, por exemplo, em *A montanha mágica*, mas não observa na obra o modo como a narrativa se configura como apreensão do tempo e não como representação de uma memória. A atenção dada a Goethe como pioneiro na representação da relação entre a formação e o contexto histórico-social privilegia uma temporalidade sequencial, uma organização aristotélica da narrativa. A noção de formação sem essa visão do tempo como mecanismo cinematográfico ainda constitui, quando se vê Bakhtin de modo mais severo, uma problemática ampla demais para que ele pudesse resumir a produção romanesca entre as que representam ou não personalidades em formação. Afinal, ele ainda acredita na representação do tempo. Elogia esse esforço, sobretudo em Goethe, de introduzir no âmbito da formação do caráter o tempo histórico. O teórico passa ao largo da visão da duração conforme explicitada por Bergson. O tempo histórico também é, para este filósofo, um dos muitos modos errados de se tentar enxergar a duração. O tempo dos eventos faz do movimento a matriz para a sensação de que algo mudou. Atentando-se para o intuicionismo bergsoniano, tanto Bakhtin quanto Ricoeur estariam enganados ao falarem da narrativa. A narrativa seria uma ilusão cinematográfica do real. O engano em Bakhtin baseia-se, sem dúvida, em uma visão da temporalidade, na narrativa, como dialética entre estado e ação transformadora. A duração não parece preocupar o teórico russo, talvez até por ele reconhecer as impossibilidades da narrativa.

Ricoeur observa a duração bergsoniana como uma das muitas tentativas de explicação do tempo. Todas estão condenadas ao fracasso. Entender e explicar o tempo são aporias. Ao dizer que o tempo, como duração, não pode ser entendido, Bergson recai nessa aporia, ao explicá-lo. Para Ricoeur, as tentativas de fazê-lo são inarredáveis, constitutivas da existência humana, na forma de inquietude. Simplesmente é impossível não se tentar entender e explicar o tempo, o que é feito através de narrativas. O primeiro elemento que precisa ser entendido, ao se narrar, é o “quem” do evento narrado. Ou explicita-se aquilo que identifica o sujeito da ação. A mesmidade aparece como o elemento primordial e mais reconhecível, pois a transformação possível pela ipseidade demanda um si-mesmo como identidade-*idem*.

Mostrar que o sujeito se altera é um passo que Ricoeur dá em direção ao modo aristotélico, cinematográfico e bakhtiniano de enxergar a narrativa. Ele sabe que esses jogos com o tempo realizados pela narrativa fracassam, todos eles, como tentativas de se compreender o tempo. Mas sabe que não há outra alternativa: a narrativa constitui a identidade, serve à necessidade de autorreconhecimento. O êxito da identidade narrativa repousa na possibilidade de se expor a mesmidade como caráter e de, ao mesmo tempo, mostrar que esta se altera através da ipseidade. Existe um processo de formação incessante, tal como a duração bergsoniana. Não se pode confundir a formação com a duração como tal. Representar a formação é um esforço para se entender como o ser se constitui, podendo reconhecer-se através da mesmidade, que é olhar as imagens fixas da fita de cinema. O caráter aparece dentro de uma dialética que é da estrutura canônica da narrativa. Em Bakhtin, a formação essencial aparece como um excesso de otimismo em relação ao *Bildungsroman*. Em Ricoeur, a visão de que a identidade narrativa se constitui não apenas como dialética, mas como discurso, demandando uma temporalidade, o aproxima mais de Heidegger e de seu conceito do Ser como posição que da duração bergsoniana. O fato de o Ser poder ser enxergado através da narrativa, mas nunca como completude, porque ele compõe a sua identidade narrativa a partir de uma intriga, de um fio condutor em que os componentes do caráter estão delimitados, aproxima esse conceito dos procedimentos de configuração do *Bildungsroman*, de um modo mais eficiente que o da formação essencial de Bakhtin. Apesar disso, a dialética da identidade narrativa é a da linearidade de causas e efeitos, de estados e ações. Ela segmenta a duração indivisível; mas não há outra possibilidade.

Considerações finais

O *Bildungsroman* corresponde a um modo de representar o homem em formação, dentro de uma sociedade que passava por demandas de transformação

através de revoluções, do Iluminismo e da *Bildung*, entre outras. O esforço de Bakhtin, em seu ensaio da década de 1920, foi por opor o romance que chama de “de educação” à imensa maioria dos romances, que representariam individualidades estáveis. A crise do conceito de sujeito trouxe limitações à noção de identidade. Mas foi como reação a ela que as escritas do sujeito reagiram. As formas identitárias de representação do homem têm originado estéticas que rompem com formas canônicas. Um *Bildungsroman* que termina com o sucesso da formação é marca dessa fluidez trazida pela intensificação do conceito de identidade. Paul Ricoeur aparece aqui como o filósofo que explicitou, através de uma dialética que, novamente, insere os seres na temporalidade, a razão pela qual é através das narrativas que as identidades se constituem. O romance de formação fica sendo um exemplo de como a dialética entre mesmidade e ipseidade é eficiente para se explicar a relação entre a estabilidade das individualidades e as transformações que as modificam. A inserção no tempo torna a dialética inevitável durante o tempo de uma vida. Certamente, o romance não abarca esse tempo. Assim como os sujeitos não atentam para toda a história daquilo que os constitui. Eles se contentam com intrigas, com enredos delimitados, que se tornam o principal fator de autorreconhecimento. Essa mesma delimitação é a que se enxerga no romance, seja ou não de formação: a impossibilidade de abarcar a totalidade do homem, do si-mesmo e do outro. Ricoeur possibilita que se enxerguem, nas narrativas identitárias que o *Bildungsroman* se propõe a explicar, as configurações, os jogos com o tempo, que podem destacar a causalidade, mas organizam modos experimentais de organizá-la, já que todas as tentativas de representar o tempo como duração são esforços frustrados. O que não é frustrante é perceber que a narrativa é, de fato, a possibilidade cognitiva e discursiva de o sujeito falar de si-mesmo, do outro e de constituir as identidades configurativas das próprias obras romanescas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Unesp, 2010.

DILTHEY, Wilhelm. **Poetry and experience**. Edited by Rudolf A. Makkreel and Frithjof Rodi. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros. II: curso no Collège de France (1983-1984)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2011.

GALLAGHER, Katherine. Ficção. *In*: MORETTI, Franco. **O romance 1: a cultura do romance**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosacnaify, 2009.

HEGEL, Georg. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses com a colaboração de Karl Heinz-Efken. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback. 7. ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HEIDEGGER, Martin. A tese de Kant sobre o ser. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Heidegger**. Tradução de Ermildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. Coleção Os Pensadores.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

MILLER, Meredith. Lesbian, gay and trans Bildungsromane. *In*: GRAHAM, Sarah. (Org.) **A history of the Bildungsroman**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 239-266.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Cláudia Berliner e Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

VIANA, Cristina A. Tempo e sujeito em Paul Ricoeur: uma introdução a partir da leitura ricoeuriana do *livro xi das Confissões* de Santo Agostinho. **Revista Contemplação**, Porto Alegre, v. 1, p. 1-19, 2015.

Recebido em 26/03/2024.

Aprovado em 04/02/2025.